

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Novas configurações nas trajetórias juvenis a partir de uma reflexão sobre identidade

Autora: Noélia Nunes Marinho

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Resumo:

Este trabalho se propõe a trazer as primeiras impressões de um estudo voltado à compreensão das trajetórias de um grupo de oito jovens evangélicos, membros de distintas igrejas como “Assembleia de Deus”, “Batista” e “Nação para Jesus”, localizadas em alguns bairros populares de Maceió-Alagoas, em que se verifica um alcance dos elementos simbólicos cristãos para além dos muros da igreja na vida destes jovens, expresso por meio de um empreendimento e alcance de uma aspiração desse grupo, a saber, uma “banda musical” desvinculada da instituição “igreja” que, ao incorporar elementos do cristianismo, permite também a expressão de um novo perfil de jovem cristão na atualidade, perfil esse marcado por um caráter plástico e performático frente ao espaço público. Metodologicamente, esta pesquisa é de caráter qualitativo e toma como fonte de coleta de dados o facebook, o Watsaap, e ainda a aplicação das técnicas entrevista e questionário.

Palavras-chave: Juventudes; Trajetórias; Identidade

1. As especificidades das juventudes e o advento da modernidade

Ao falar sobre juventudes contemporâneas, torna-se indispensável tomá-las como categorias inerentes à modernidade. Isso porque existem elementos que demarcam tais categorias de forma distintiva em relação ao modo de vida no fim do século XIX, como percebe Simmel (1931). A modernidade promove a crescente individualização, ocasionada pela divisão do trabalho como lembra Durkheim (1999), produzindo uma maneira peculiar de posicionamento dos indivíduos no mundo. Apesar disso, Simmel nos convida a pensar, a partir de seu método microsociológico, como em uma mesma sociedade se formam “sociedades” ou “unidades”, estabelecendo configurações ou modelos de grupo, cujos quais possuem forma e conteúdo próprios.

Seguindo a perspectiva de Simmel, os atores sociais, apesar de se desprenderem do rigor de uma ordem clássica presente na família, religião e demais instâncias de uma época extremamente marcada pela tradição e disciplinamentos dos corpos em alta amplitude, permanecem com resquícios ou elementos dessa ordem. Elias (1990) já falava sobre como as transformações das sociedades ocidentais, mediante o estabelecimento do Estado moderno alterou os costumes segundo um curso civilizador.

Elias (1990) se remete à um processo de mudança de uma ideologia pautada e extremamente ancorada na tradição, onde assim como Durkheim (1999) pensou, prevalecia o nós sobre o eu. Este eu se confundia com o coletivo de modo a ter, cada indivíduo, um corpo inclinado ideologicamente para um padrão, um nós supremo.

À medida que as transformações sociais vão ocorrendo, destacando a crescente industrialização e especialização das funções como explica Durkheim (1999), o coletivo dilui-se em indivíduos que vão se tornando autônomos e diferentes entre si, seguindo uma lógica associada ao progresso individual, um progresso que ao mesmo tempo necessita da cooperação e união dos indivíduos que, apesar de diferentes, estão condicionados uns aos outros para a finalização de tarefas.

Giddens (2002) aponta para a complexidade da modernidade que, oferecendo diversas opções e alternativas de trajetórias a serem seguidas, oferece pouco aparato para a definição de escolhas. É nesse cenário onde se localizam os jovens na contemporaneidade,

frente à uma infinidade de opções, mas, ao mesmo tempo experimentando incertezas e conflitos.

Pais (2006) enxerga as incertezas como produto de um tempo fluido, com poucos direcionamentos e orientações, onde as juventudes diante dessa problemática tendem a decidir ir para longe daquilo que lhe causam medo e dúvida. Se projetam para viver o agora, experimentando diversos recursos considerados riscos pelos demais atores sociais.

Anteriormente, como já falado, as trajetórias eram bem demarcadas, existia pouca mobilidade social e, nesse sentido, a existência de conflitos em relação à trajetórias e projetos de vida ou de futuro eram pouco prováveis. Em tempos atuais, as juventudes são abarcadas por conflitos existenciais como aponta Giddens (2002).

Se coloca como condição o fator “reflexão” diante de escolhas variadas, mas isto não quer dizer que por serem variadas são atingíveis. Pais (2006) está justamente preocupado com isso. Tantas opções, mas, as juventudes se questionam em o que escolher e como alcançar as aspirações. É por isso que para o autor, viver o agora se tornou tão importante e atrativo para os jovens. Longe de um ideal de futuro, eles encontram a tranquilidade e zonas de conforto.

A modernidade reverencia o progresso como uma regra a ser seguida por todos. Isto se torna um padrão ideológico, onde a sociedade de forma geral enxerga aquele que não está preocupado com o futuro como alguém irresponsável, fora do padrão, conforme Durkheim (2007) discorre sobre a dualidade “normal X patológico”. Desse modo, as juventudes são estigmatizadas; com base na reflexão de Pais, propensos a cometerem desvios. É comum ouvirmos frases do tipo: — Na minha época eu não era assim!

O senso comum não possui um conhecimento reflexivo e pautado em investigações, que apontam o comportamento das diversas juventudes atuais como produto e consequência da própria modernidade, como parte de um longo processo social não planejado, como se refere Elias (2006) e contribui para a formação de visões etnocêntricas em relação aos jovens.

Ao esperar ou pressionar os jovens por uma atitude em relação ao planejamento do futuro, a sociedade reivindica que se cumpra uma linearidade em relação aos percursos,

como se os comportamentos devessem se materializar conforme algo já dado ou mesmo já esperado.

É preciso se inclinar para o entendimento das ações dos jovens. Ainda segundo Pais (2006), é possível entender as juventudes contemporâneas por duas abordagens: a socialização e a performatividade. O autor privilegia a discussão acerca da segunda que, para ele, é bastante emblemática das juventudes.

O caráter de performatividade, segundo paes (2010) remete à um tipo de comportamento que preza pelo protagonismo e criatividade. As juventudes, de modo geral, se configuram pela performance, mas isso não quer dizer que as juventudes não frequentem locais onde há existência de regras. Sobre isso, Charlot (2007) defende que ocorre uma negociação entre as juventudes e possíveis regras impostas. Pode-se dizer ainda, com base nas reflexões do mesmo, que as juventudes têm um caráter plástico, em virtude da possibilidade sempre possível de um reajustamento local.

Elias (1990) explica como mediante um processo civilizador, o habitus muda e a força da tradição diminui. Com base nisso, é notório considerar que são “eles”, os jovens atuais que promovem as auto-coações seguindo uma lógica própria. Não é mais a hierarquia de uma instituição coercitiva segundo o estudo de Alves (2010), que controla as subjetividades, antes elas estão sujeitas às negociações da juventude. É nítido como a ordem se inverte no cenário moderno.

Pappámikail (2012) alerta para a reivindicação dos jovens na contemporaneidade pela autonomia. Segundo a autora, a mesma é um processo psicossociológico desenvolvido pelos indivíduos. Os conceitos autonomia, liberdade e independência financeira são totalmente distintos, mas acabam por serem confundidos pela instituição familiar e mesmo por outras instituições clássicas. A família, seguindo o raciocínio da autora, normalmente considera o jovem como alguém incompleto e que só está pronto a usufruir de sua própria autonomia no momento em que conquista sua independência financeira. Isso ocasiona conflitos, podendo haver uma quebra de regras pelos jovens que, de fato, já são autônomos.

Brandão (2012) lembra que, nos tempos atuais, as longas trajetórias escolares têm se tornado cada vez mais presentes. Isto em virtude do maior acesso à escola. Tomando como base este fato e ancorando-o à problemática da autonomia referenciada por Pappámikail (2012) é relevante questionar se um indivíduo que dedica um longo tempo aos

estudos, deixando o emprego como aspiração mais distante, será sempre considerado “incompleto”?

Sobre a família, Parsons (1976) a apresenta como um sistema de personalidade, porém, é preciso destacar que ela não é a única a promover internalizações de visões de mundo. Sobre isso, conforme apresenta Setton (2012), em 1970 ocorreu uma produção intensa de bens simbólicos no Brasil por intermédio da mídia, amparada pela tecnologia. Isso fez com que surgissem outras propostas de socialização.

Segundo a autora, que destaca a questão do habitus com base em Bourdieu, instâncias clássicas socializadoras se articularam às novas propostas, produzindo um tipo de habitus que ela denomina “híbrido” em virtude de haver uma associação de práticas discretas, isto é, pouco difundidas com as dimensões socializadoras clássicas. Isso se refere a um movimento criativo que ao mesmo tempo em que ocorre uma articulação, ocorre também disputas pela atenção dos jovens.

Segundo a noção de “habitus híbrido” que Setton (2012) se refere, é possível identificar a existência de conflito em apelo à atenção dos jovens em um cenário rico em possibilidades. No olhar da autora, as dimensões socializadoras produzem habitus.

Discutindo as aspirações dos jovens à luz do que apresenta Bourdieu (2004) acerca do habitus, é indispensável destacar que as juventudes, assim como os demais atores sociais, possuem em seus corpos um conhecimento que é histórico, um conhecimento que abarca toda a trajetória de vida. Desse modo, conforme o autor, o corpo se antecipa ao pensamento, o corpo fala por meio do conhecimento que está incorporado a si. Nesse sentido, os indivíduos e, neste caso, os jovens, possuem em suas estruturas mentais as estruturas objetivas do espaço social. Desse modo, não colocam em questionamento as ações realizadas, pois estão envolvidos com o “jogo”, jogando o jogo.

É interessante perceber que por trás de cada ação e discurso, estão os valores, as normas e o comportamento adquirido por meio do habitus. Nesse sentido, as trajetórias adotadas pelos jovens adquirem na visão de Bourdieu uma classificação relacional. Isto é importante, pois, desnaturaliza a ideia de que há sempre nos indivíduos a presença do cálculo e da racionalidade para agir ou mesmo atitudes consideradas pelo senso comum como inatas.

Bourdieu (1996) enriquece ainda mais a problemática da ação quando discorre que, em razão de todo o conhecimento incorporado, os indivíduos desenvolvem uma percepção capaz de os orientar para que lado ou o que devem fazer, pois, já sabem o que ocorrerá depois.

Na abordagem de Mannheim (1982), baseado em uma abordagem geracional, considera que ocorre, em virtude do aparecimento de novos atores sociais um fenômeno que ele denomina “contato original”. Esse fenômeno se manifesta no momento do contato de uma nova geração de atores com valores já existentes ou tradicionais. Nesta perspectiva, tanto a forma como a assimilação de valores já existentes pelas novas gerações, se dará sempre de forma inovada, pois, os novos atores não perceberão os elementos sócio-culturais a eles apresentados da mesma forma que as gerações anteriores. Ocorre, conseqüentemente uma reconfiguração dos valores, a inauguração de um novo arranjo social que elimina da teia das relações sociais aquilo que já não é mais útil.

2. A sociabilidade

Até aqui discutimos fatores importantes que abarcam, de modo geral, as juventudes contemporâneas: a discussão sobre autonomia, a socialização, a performatividade e o habitus. Existe outra dimensão que se apresenta de forma não menos importante entre os jovens: a sociabilidade.

Com base nas reflexões de Simmel (2006) a sociabilidade está relacionada à interação de determinados indivíduos que, na verdade, se fundem em uma “unidade”. Dentro desta “unidade” que é também um universo, está um plano de intenções lúdicas onde os indivíduos se desprendem de suas próprias subjetividades para dar lugar a uma espécie de eu-social.

Alguns ambientes favorecem à sociabilidade, outros são ressignificados pelas juventudes que os transformam também em espaços de sociabilidade onde ocorrem interações onde é possível verificar elementos identitários e ainda a presença e a aceitação de regras grupais.

Com base nos estudos de Chagas (2014) a sociabilidade produz alguns efeitos relativos à relação de poder. Um desses efeitos é a busca por visibilidade, auto-afirmação e reconhecimento dentro do grupo e também diante dos demais atores sociais. Há uma

apropriação do espaço para controle social que permite que a voz dos jovens sejam ouvidas, permitindo ainda um posicionamento de distinção em relação aos demais atores sociais. Os estudos de Almeida Neto (2014), Santos (2014) e França (2014) indicam que são traços distintivos dos jovens contemporâneos a busca por ambientes de sociabilidade.

Dentro de cada jovem, por sua vez, estão internalizados elementos clássicos, mas não determinantes de uma visão de mundo, pois, associam-se a esses elementos, outros característicos da modernidade, conforme já referenciado por Setton (2012), imprimindo nas trajetórias juvenis a busca por satisfação diretamente conectada à produção de gostos e ao consumo.

Segundo o estudo de Souza (2014) o consumo está vinculado ao grupo para o qual o indivíduo se projeta, ligando-se também à visibilidade, que novamente aparece como um traço distintivo dos jovens, além da autonomia, da socialização, da performance e do habitus já comentados.

Os conflitos que perpassam as trajetórias dos jovens estão vinculados às identidades ou visões de mundo, formadas por múltiplos referenciais. À medida que influenciam no jogo social, também são influenciados no mesmo. Desse modo, é preciso entender como as diversas juventudes atuam nesse jogo, quais os conflitos enfrentados, como e a partir de que se dá o investimento por determinadas trajetórias.

Bourdieu (1996), com uma abordagem weberiana, esclarece que o investimento se dá em virtude do interesse dispensado à campos sociais. Para isso, é preciso estar “situado” ou mesmo pertencer à determinados campos para que haja tal investimento. A produção de gostos pode partir de variados campos sociais. No curso da vida dos jovens, os mesmos têm contato à diversas experiências que, por sua vez, influenciam também na definição de trajetórias.

Dayrell (2012) mostra como a dimensão do trabalho pode ser extremamente educativa, modeladora de identidades e formadora de visões de mundo. Para o autor, é preciso considerar às diversas experiências juvenis. Permanecer estudando o comportamento do jovem estritamente dentro da escola é cair no reducionismo. Segundo ele, é preciso considerar que os jovens vão à escola carregados de símbolos, adquiridos fora da escola. Neste sentido, vários campos sociais moldam o comportamento do jovem.

A partir das discussões apresentadas, como é possível pensar as trajetórias juvenis mediante a uma valorização tão intensa do presente como discute Pais (2010) e simultaneamente por uma busca pelo progresso? Mais adiante será evidenciado como os jovens pesquisados constroem suas trajetórias.

Para Amarante Brandão (2014), é a partir dos anos 1960 que os jovens ganham visibilidade. Segundo ela, o que está por trás disso é a construção de suas representatividades, possíveis pelos meios de comunicação e pelo consumo.

A abordagem da autora se aproxima da de Setton (2012) que referencia as múltiplas opções de estilos de vida colocadas frente aos jovens nos anos 1970 no Brasil, porém a autora Amarante Brandão (2014) traz para o debate a ideia de que os jovens atuais articulam processos de auto-invenção de estilos de vida.

Ainda segundo a autora, no cenário atual, o jovem torna-se um participante ativo no espaço público na defesa das diferenciações e estilos de vida produzidos por eles frente à uma cultura hegemônica.

Assim como Pais (2006) a autora identifica um movimento criativo juvenil que associa a vida profissional ao Hobby. Desse modo, as juventudes desenvolvem sensibilidades para lidar com o que tem materialmente e manifestam isso explorando o caminho entre a vocação, o aprendizado, a vida profissional e o Hobby.

É perceptível, com base na autora o protagonismo entre os jovens na Paraíba, elemento também destacado por Pais (2006) que observa uma apropriação do espaço social e busca de autonomia para pôr em prática o protagonismo.

A autora Amarante Brandão (2014) dialoga ainda com Almeida (2012) que apresenta o jovem como um novo ator social criativo, que estabelece um novo fazer criativo, ou seja, ele se desprende da ideia do fazer original, realizando a atividade à sua própria maneira. Esse novo fazer criativo e de caráter protagonista do jovem atual se aplica nitidamente ao campo profissional.

3. Os jovens pesquisados

A idade dos sujeitos investigados varia entre 18 e 28 anos. Todos eles são de religião cristã e residem nos conjuntos populares Gama Lins, Santa Helena e Denisson Menezes em Maceió-Alagoas.

O contato com os jovens pesquisados se deu a partir de minha própria inserção no universo religioso, mais precisamente, com o contato com um dos jovens, que é membro da igreja Assembleia de Deus (e muito dedicado à música) da qual fiz parte. Acompanhando sua página no facebook, observei que este jovem, juntamente com outros sete, havia montado uma banda musical completamente desvinculada de qualquer igreja (instituição), e que a mesma já possuía página no facebook e um grupo no Watsaap.

A partir do conhecimento da existência deste empreendimento (a banda), me interessou compreender, inicialmente, quais os sentidos que a banda musical dispensa à trajetória de cada um dos sujeitos jovens e, ao mesmo tempo, os sentidos voltados para a dimensão coletiva (o grupo).

Do ponto de vista metodológico, venho utilizando a observação participante, por julgar ser ela, um método que permite um maior acesso aos sentidos buscados. A partir dela, está sendo possível presenciar, a partir das interações entre os membros, como se estabelecem as relações e os elementos pormenorizados que podem ser relevantes para o entendimento do problema em questão. Neste sentido, tenho acompanhado os ensaios da banda e também suas apresentações que, até o presente momento se restringiram em “igrejas”, embora a proposta seja, segundo os membros, ampliar o alcance da banda para outros eventos, como aniversários, casamentos, etc.

Como técnica de pesquisa, foi aplicado um questionário com perguntas abertas que se voltaram para os temas escolaridade, família, religião e música. Também (como técnica) foram realizadas algumas entrevistas no intuito de aprofundar algumas questões do próprio questionário.

A partir da metodologia empregada em prol do esclarecimento dos sentidos da banda musical na trajetória dos jovens pesquisados, foi identificado um novo perfil de juventude cristã, passando-se agora ao problema seguinte: o que está levando à um novo perfil jovem cristão e qual a relação deste novo perfil com o empreendimento de uma

banda musical no caso dos jovens pesquisados. A banda musical e sua configuração interna é apenas uma das expressões da própria modificação do perfil cristão desses jovens? se apresenta como produto deste novo perfil?

Encontramos na banda musical a configuração da sociabilidade já tratada neste texto, Simmel (2006), em que os jovens, neste cenário, se desprendem (quando estão em grupo) de regras impostas por suas igrejas, embora carreguem consigo os elementos delas, revelando com isso, a afirmação de suas autonomias, Papamikail (2012) e, ao mesmo tempo evidenciando uma plasticidade que os inclina para uma capacidade de reajustamento local, demonstrada a partir da preocupação e intencionalidade de que as músicas tocadas se adequem ao perfil dos ouvintes.

Em um dos ensaios, um dos jovens (membro da igreja Assembleia de Deus) declarou enquanto ensaiavam uma música com ritmo *reggae*: — se essa música fosse tocada na minha igreja, sei não viu?

A partir da narrativa acima citada, foi observado a ciência do próprio jovem de que a proposta que aplicam à banda não tem nexos com o que é “permitido” na igreja que alguns fazem parte. Como pondera Paes (2006), o perfil dos jovens na contemporaneidade se vincula à performatividade e ao desvio de regras impostas. No caso desta pesquisa, verificamos que os sentidos da música (na banda musical) estão inclinados também à sociabilidade.

Observando, no presente, o fenômeno em questão, isto é, “um novo perfil de jovens cristãos”, apresentou-se ser relevante considerar a necessidade de conduzir a investigação não apenas a partir de uma perspectiva micro, mas também macro, uma vez que a remodelação do cristianismo na vida dos jovens pesquisados pode estar associada não a um estrito empreendimento, mas a vários fatores, instâncias, influências e mesmo à modificações de ordem institucional (mudanças no sistema de representação e classificação das próprias igrejas cristãs).

O comportamento protagonista e plástico encontrado nos jovens membros da banda musical pode ser pensado hipoteticamente (pois isto ainda está sendo investigado) como um mecanismo de expressão de um perfil cristão já modificado e não como a causa dele, embora devamos considerar “a música” como elemento importante na investigação já que todos os integrantes carregam em suas trajetórias um vínculo com a mesma.

A criatividade e a performatividade a que estão entregues os jovens pesquisados também é aplicada nas músicas tocadas, pois buscam modelar, segundo novos critérios o som produzido.

Outro elemento importante que esta pesquisa evidenciou foi a preocupação dos 8 (oito) jovens com a disseminação das ideias de cunho cristão, revelando ser a música um instrumento de propagação das mesmas. Quando, por meio do questionário, perguntados sobre “o” ou “os” objetivo(s) da banda, em todos os questionários apareceu ser “ganhar almas” como primeiro objetivo, seguido da associação da música e logo, da banda, com o meio de encontrar com os amigos e ainda ao lazer e relaxamento.

Com relação ao primeiro objetivo, reservo a hipótese de que um dos elementos associados a ideia do grupo de “ganhar almas” guarda uma estreita conexão com a intencionalidade de atuação no espaço público, proporcionando o choque entre “campos” no sentido proposto por Bourdieu (2004) e disputa pelo poder simbólico nos conjuntos onde residem, evidenciando a intenção de “transformação” dos mesmos, por serem, em grande medida, controlados por traficantes. Uma das narrativas demonstra essa preocupação: — vimos que nosso bairro estava precisando de Jesus, então isso foi a forma de evangelizarmos.

A narrativa acima citada, além de demonstrar uma preocupação política, traz a ideia do “ganhar almas” como principal objetivo (conforme identificado nos questionários), entretanto, a razão dessa preocupação precisa ser melhor investigada, pois em nada esclarece o por quê de ter sido a música o instrumento escolhido para este fim.

Considerações finais

A presente pesquisa mostrou de modo inicial, o quanto as trajetórias dos sujeitos jovens evangélicos investigados estão reconfiguradas, expressando-se, em um primeiro momento, por meio de um investimento e alcance de uma aspiração, a saber, uma banda musical onde, por meio de seus desdobramentos, foram verificados comportamentos que tendem a se desprender de regras locais (de suas igrejas).

Foi observado ainda, a utilização de inventividades no que diz respeito às músicas tocadas e um reajustamento ao perfil do público ouvinte, além da intencionalidade de intervir no espaço público por intermédio da música.

Uma questão a ser aprofundada nesta pesquisa, trata-se de explicar se há ou não relação entre o que eles chamam “ganhar almas” e a atuação no espaço público, em um primeiro momento, nos conjuntos onde residem, mas não só neste, já que a intenção é o largo alcance da banda, que pode reverberar como uma atividade profissional.

Referências Bibliográficas

DURKHEIM, E. **O que é um fato social**. In: As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A trajetória do eu**. In: Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, socialização e escola**. DAYRELL, Juarez (org.). In: Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ALVES, Maria de Fátima Paz. **Juventude, igreja e “mundo” na perspectiva de jovens pentecostais (assembleianos de Recife)**. VELHO, Gilberto (org.). In: Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Criatividades contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do rompante criador. In: **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Org.: Maria Isabel Mendes de Almeida e José Machado Pais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ALMEIDA, neto, Mateus Antonio de. **Juventudes e distinção: Estilos de vida na pracinha do Siqueira Campos**. UFS, 2014.

BOURDIEU, P. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, P. **É possível um ato desinteressado?**. In: Razões Práticas – sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CHAGAS, Juliana Almeida. A construção do jovem na cultura da pixação. UFC/CE, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Valores e normas da juventude contemporânea**. Léa Pinheiro Paixão & Nadir Zago (orgs.). In: Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Sandra Regina Soares. **O que é ser novo na baixada fluminense: notas sobre representações da juventude entre as camadas populares**. VELHO, Gilberto (org.). In: Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, socialização e escola**. DAYRELL, Juarez (org.). In: Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DURKHEIM, E. **A solidariedade devido a divisão do trabalho ou orgânica** in: __ Da divisão do trabalho social. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, E. “Regras relativas à explicação dos fatos sociais” in: As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. 1. In: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, N. Para a fundamentação de uma teoria dos processos sociais. In: Escritos e Ensaios – 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FOUCAULT, M. **Os corpos dóceis**. In: Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FRANÇA, Matheus Gonçalves. Entre lazeres, sociabilidades e insegurança: Interpretações sobre a praça Universitária em Goiânia. PPGA/DAN/UnB, 2014.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. In: Sociabilidade urbana - Ciências Sociais Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A trajetória do eu**. In: Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAGALHÃES, Alexander Soares. Juventude, amizade e fé: Estudo de caso entre assembleianos da baixada fluminense, 2014.

MALVASI, Paulo Artur. **O domínio mental e a vida Loka**: uma análise do dispositivo das drogas nas periferias de São Paulo. São Paulo, 2008.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). In: Sociologia. São Paulo: Ed. Ática, 1982.

MANNHEIM, Karl. **O problema da juventude na sociedade moderna**. In: Diagnóstico do nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje**: Contextos, diferenças e trajetórias. ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs.). In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis.** ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs). In: *Culturas Jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAPPÁMIKAIL, Lia. **Juventude, autonomia e sociologia:** Redefinindo conceitos transversais a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. DAYRELL, Juarez (org.). In: *Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PARSONS, Talcott. **O conceito de sistema social.** CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octavio (orgs.). In: *Homem e sociedade: Leituras básicas de sociologia geral.* São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca.** VELHO, Gilberto (org.). In: *Juventude Contemporânea: Culturas, gostos e carreiras.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

SANTOS, Maria Aparecida dos. **É no chão da praça:** expressividades culturais, sociabilidades juvenis e ativismos políticos no cotidiano da praça das juventudes – Serrinha. UFC, 2014.

SETTON, M. Graça J. **Experiências de socialização e disposições híbridas de habitus.** DAYRELL, Juarez (org.). In: *Família, escola e juventude: Olhares cruzados Brasil-Portugal.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito.** In: *Mana – Estudos de Antropologia Social* V. 11. 2005/1903.

SIMMEL, George. **A sociabilidade.** In: *Questões fundamentais de Sociologia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Izabela Jatene de. **Juventude e consumo: novas formas de significados no espaço socioeducativo.** UFPA/Pa, 2014.

VELHO, Gilberto. **Juventudes, projetos e trajetórias.** ALMEIDA, Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda (orgs.). In: *Culturas Jovens: novos mapas do afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.